



Universidade Estadual
da Região Tocantina
do Maranhão

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA REGIÃO TOCANTINA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E LETRAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

TIAGO DE SOUZA SILVA

**A GEOGRAFIA DE IMPERATRIZ RETRATADA NA CANÇÃO IMPERADOR
TOCANTINS**

TIAGO DE SOUZA SILVA

**A GEOGRAFIA DE IMPERATRIZ RETRATADA NA CANÇÃO IMPERADOR
TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade Monografia, apresentado à Direção do Curso de Licenciatura em Geografia – CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador(a): Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

S586g

Silva, Tiago de Souza

A geografia de Imperatriz retratada na canção Imperador Tocantins. / Tiago de Souza Silva. – Imperatriz, MA, 2025.

31 f.; il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Imperatriz, MA, 2025.

1. Geografia cultural. 2. Paisagem sonora – Imperador Tocantins. 3. Identidade – memória coletiva. 4. Imperatriz - MA. I. Título.

CDU 911.375.3

Ficha elaborada pelo Bibliotecário: **Mateus de Araújo Souza CRB13/955**

TIAGO DE SOUZA SILVA

**A GEOGRAFIA DE IMPERATRIZ RETRATADA NA CANÇÃO IMPERADOR
TOCANTINS**

Trabalho de Conclusão de Curso na Modalidade Monografia, apresentado à Direção do Curso de Licenciatura em Geografia – CCHSL, da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

Orientador(a): Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



LUCILEA FERREIRA LOPES GONCALVES

Data: 01/08/2025 20:40:19-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves
Orientador(a)

Documento assinado digitalmente



ELZA RIBEIRO DOS SANTOS NETA

Data: 01/08/2025 19:12:27-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Elza Ribeiro dos Santos Neta
1º examinador(a)

Documento assinado digitalmente



MARIA DO ROSARIO SA ARAUJO

Data: 05/08/2025 14:04:41-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Maria do Rosário Sá Araújo
2º examinador(a)

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna gratidão por ter conduzido cada passo da minha trajetória, não apenas durante os anos de graduação, mas ao longo de toda a minha vida. Em todos os momentos Ele foi e continua sendo o maior mestre, fonte de sabedoria, força e direção. E a nossa Senhora das Graças, que intercedeu em cada passo nessa jornada e em cada noite de estudo.

Aos meus pais, meu mais profundo e sincero agradecimento. Vocês foram e são a base firme sobre a qual construí meus sonhos. Obrigada por todo o amor, apoio, esforço e sacrifício, que foram fundamentais para que esta etapa se concretizasse.

À Universidade, por ampliar meus horizontes e me mostrar que o conhecimento vai muito além dos limites da sala de aula. Cada experiência vivida aqui contribuiu para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

À professora Dra. Luciléa Ferreira Lopes Gonçalves, pela orientação, paciência e apoio imprescindíveis na elaboração deste trabalho. Às professoras Dra. Elza Ribeiro dos Santos Neta e Dra. Maria do Rosário Sá Araújo, por gentilmente aceitarem compor a banca avaliadora e contribuírem com suas valiosas observações e considerações.

À minha namorada, que me ajudou todas as formas possíveis para que eu conseguisse terminar, dando-me forças, especialmente no trabalho de campo, e a todos que, de alguma forma, fizeram parte deste percurso, meu muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem como objetivo analisar os aspectos culturais, a partir da paisagem sonora. Ele busca compreender como a geografia sonora é retratada por meio de uma canção, “Imperador Tocantins” de Erasmo Dibell, onde são analisados os elementos naturais, culturais e simbólicos presentes nos versos da música. Para fundamentar esse trabalho, foram utilizados autores da geografia cultural, como Corrêa, Hall, Cosgrove, além de auxílio de Schafer, nos estudos de paisagem sonora. Além disso, foi produzida uma análise poética da canção, juntamente com a pesquisa de campo, a fim de trazer características da paisagem ao trabalho. Os resultados mostraram que o rio Tocantins é mais que um recurso natural, ele aparece como símbolo de uma identidade e de construção de memória coletiva. Por fim, a conclusão mostra que a música é também um(a) meio/ferramenta grandioso(a) para refletir sobre a geografia, além de se mostrar como um recurso interessante para aproximar o conteúdo do cotidiano dos estudantes.

Palavras-chave: Geografia cultural; Identidade; Paisagem sonora.

ABSTRACT

This monographic work aims to analyze cultural aspects based on the soundscape. It seeks to understand how sound geography is portrayed through a song, "Imperador Tocantins" by Erasmo Dibell, where the natural, cultural, and symbolic elements present in the lyrics of the song are analyzed. To support this work, authors of cultural geography were used, such as Corrêa, Hall, Cosgrove, in addition to assistance from Schafer in soundscape studies. Corrêa, Hall, Cosgrove, as well as Schafer, in the study of soundscapes. In addition, a poetic analysis of the song was produced, together with field research, in order to bring characteristics of the landscape to the work. The results showed that the Tocantins River is more than a natural resource; it appears as a symbol of identity and the construction of collective memory. Finally, the conclusion shows that music is also a great medium/tool for reflecting on geography, as well as proving to be an interesting resource for bringing content closer to students' everyday lives.

Keywords: Cultural geography; Identity; Soundscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Paróquia Santa Tereza d'Ávila	15
Figura 2 - Letra Completa da Música Imperador Tocantins (1992)	20
Figura 3 - Vista do Rio Tocantins, a partir da Ponte Dom Afonso	25
Figura 4 - Margens do Rio e Arredores	25
Figura 5 - Margem do Rio, 2025.....	26
Figura 6 - Riacho do Cacau, 2025.....	27
Figura 7 - Pôr do sol/Cair da tarde, Beira Rio.....	28
Figura 8 - Pôr do sol/Cair da tarde, Beira Rio.....	28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Aspectos Geográficos de Imperatriz e do rio Tocantins	14
2.2 Rio Tocantins e Imperatriz: uma unidade cultural	15
3 METODOLOGIA.....	18
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4.1 Os elementos culturais de Imperatriz contidos na canção Imperador Tocantins	19
4.2 Pesquisa de campo.....	24
5 CONCLUSÃO	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

Segundo Schafer (1994), o som é uma ferramenta de transmissão de cultura e espaço. No entendimento do autor, até mesmo o silêncio tem papel importante na construção de uma comunidade. É através desses elementos - som e o silêncio – que se cumpre a função primordial na percepção de paisagem sonora, não apenas como algo que vemos, mas também pelo que ouvimos ou deixamos de ouvir.

Estudar a geografia enquanto uma ciência social, abre novos horizontes para uma análise mais sensível às mudanças Culturais e Simbólicas no espaço geográfico. Com isso, analisar a música é um importante recurso para uma abordagem de questões do nosso cotidiano, produzindo em cada um uma reflexão sobre a produção do nosso espaço.

Ao estudar a música como uma forma de representar o espaço e a cultura, adentramos em uma nova possibilidade de interpretação do território, conectando emoções, vivências e memórias. Segundo Santos (1988), a paisagem pode ser compreendida como tudo aquilo que nós vemos, sentimos, escutamos, ou seja, ela não se refere somente a visão, mas a volumes, a cores, a movimentos, cheiro e, no nosso caso, sons.

Partindo desse olhar, estudar a paisagem é ter uma experiência completa com o meio natural e cultural, nesse caso, a partir do som, o qual tem um papel ativo que caracteriza o meio onde as pessoas vivem e se relacionam. Ela não deve ser vista como algo isolado, mas como uma construção diária da relação homem-natureza, carregando consigo sons característicos, ritmos diferenciados e laços culturais, atuando como um registro do território.

A elaboração desse trabalho justifica-se pela importância de mostrar outras formas de observar a geografia no dia a dia, nesse caso, a partir de uma canção, além de ver como os poetas se inspiram em um local que, para muitos, é apenas mais um ponto comum.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é analisar elementos geográficos contidos na canção. Já os objetivos específicos do trabalho monográfico são: identificar as descrições naturais de Imperatriz e do rio Tocantins contidas na canção; refletir sobre os elementos culturais de Imperatriz presentes na referida canção; e, por fim, descrever a poética de Imperatriz contida na canção.

Para chegar aos objetivos propostos, esse trabalho acadêmico está estruturado em 5 seções principais. Na primeira parte, é apresentada a introdução, onde estão traçados os objetivos, a justificativa e a importância do estudo. Na segunda parte, o referencial teórico, onde são abordados conceitos gerais da geografia cultural, paisagem sonora, a relação entre termos de música, cultura e território, apresentando autores como Corrêa, Schafer, Cosgrove, Hall e Hoefle. Na terceira parte, é apresentada a metodologia utilizada, incluindo a pesquisa bibliográfica, uma análise da canção “Imperador Tocantins” e, por último, o trabalho de campo com alguns registros fotográficos. No quarto momento, são apresentados os resultados e discussões, divididos entre uma análise dos elementos que envolvem relações culturais que estão presentes na canção e a relação entre música e os espaços geográficos de imperatriz, com as devidas ilustrações da pesquisa de campo. E, por fim, a quinta parte traz consigo a conclusão, retomando os objetivos e a importância do estudo da música no contexto geográfico, deixando claro que o material está disponível como auxílio bibliográfico em estudos na área.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Panitz (2021), o primeiro registro sobre música no âmbito geográfico, pode ser atribuído a Friedrich Ratzel e ao etnólogo e arqueólogo africanista Leo Frobenius, que era seu discípulo. Ambos estudaram características da cultura africana, observando o uso tambores, arcos e flechas e, com isso, desenvolveram a noção chamada de círculos culturais. Para o autor, Frobenius estabeleceu uma divisão a partir dos respectivos instrumentos, baseando-se nos ciclos de difusão étnica.

Negrítico (madeiras de ritmo, como clave e reco-reco), Malaio-Negrítico (alaúde de bambu, tambor, timbal de madeira, marimba), Indo-Negrítico (violino, guitarra, tambor de cerâmica, timbal de ferro, tamborim) e Semítico-Negrítico (berimbau, gora, tambor de morteiro, tambor de vaso). Ao estabelecer áreas culturais com base na ocorrência espacial dos instrumentos musicais na África, Leo Frobenius pode ser considerado o primeiro sistematizador da relação espaço e música, que irá influenciar toda uma geração de etnólogos e musicologistas (Panitz, 2021, p.16)

Segundo o autor, no século XX, na França, outro etnólogo e geógrafo, Georges de Gironcourt, propôs outro campo de estudo, chamado de geografia musical, pois, para ele, a geografia deveria mergulhar nas formas como a música se propaga através do espaço e do tempo, permitindo, assim, uma análise mais aprofundada sobre as civilizações.

Para Roberto Lobato Corrêa (2009), a Geografia Cultural no Brasil tem três momentos principais: o primeiro ocorreu por volta da década de 1990, período em que a Geografia da cultura não tinha recebido a aceitação esperada. Ao contrário, essa abordagem foi vista por muitos como uma ameaça às questões acadêmicas tradicionais. O segundo momento compreende os anos de 2001 e 2005, caracterizando-se por uma fase mais flexível, na qual a Geografia Cultural começa a ser valorizada e aceita por aqueles que antes a criticavam.

No terceiro momento, que Corrêa (2009) denomina como o período de "vulgarização", a Geografia Cultural torna-se mais conhecida e amplamente adotada, porém, muitas vezes, sem uma reflexão crítica ou aprofundamento teórico adequado. Segundo o autor, essa é a fase em que a "antiga novidade" passa a ser utilizada de

forma superficial, mas, ainda assim, conquista maior relevância no campo acadêmico, principalmente entre professores e pesquisadores.

O processo de introdução da Geografia Cultural era negligenciado em sua gênese ou até mesmo desconhecido por parte dos próprios geógrafos. Para grande maioria, não era priorizado. Corrêa (2005) evidencia que esses aspectos culturais eram vistos como estudos da região, talvez por uma influência da escola francesa, que tratava esses estudos como uma parte regional, e a cultura era apenas mais um elemento que servia de complemento para esses estudos.

A despeito do elevado número de cursos de geografia, a grande maioria dedicados quase que exclusivamente à formação de professores do ensino secundário, e a despeito da heterogeneidade cultural do Brasil, a geografia cultural foi, até ao final da década de 1980, negligenciada, mesmo desconhecida pelos geógrafos brasileiros. Aspectos da cultura, no entanto, eram tratados nos estudos regionais, mas não eram priorizados nem se tinha a consciência de que a cultura, em suas múltiplas manifestações, poderia ser tema central nas pesquisas (Corrêa, 2005, p.01)

Correia (2009) vai tratar o conceito de Cultura como algo polissêmico e inteligível, isso porque o sentido da palavra é bem vasto dentro de uma sociedade em construção diária de seus modos de vida. Hoefle (1998) distingue duas concepções principais de cultura: a primeira, mais abrangente, que entende a cultura como resultado das múltiplas relações ecológicas, econômicas, sociais, políticas e ideológicas; e a segunda, mais restrita, que trata a cultura sob uma perspectiva limitada e específica, pois isso pode mudar de grupo para grupo, a partir da visão de cada um.

Para Corrêa (2009), no Brasil, estudos sobre a Geografia Cultural surgiram em meados de 1993, com a criação do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Direito da Cidade (NEPEC), na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), no Rio de Janeiro. Esse centro foi coordenado pela professora e pesquisadora Zeny Rosendahl, como ativa produção para na Geografia Cultural.

Seu primeiro periódico foi lançado por volta de 1995, com o intuito de mostrar e divulgar as produções vindas do NEPEC e de outros geógrafos. Como representantes da nova geografia cultural saueriana, desenvolvida por Carl Sauer, havia Marvin Mikesell, Denis Cosgrove, Paul Claval, entre outros.

Em 1996 aparece a série de livros intitulada Geografia Cultural, que tem uma difusão mais ampla do que o periódico. Trabalhos completos de um geógrafo brasileiro e coletâneas de importantes textos publicados originalmente em outra língua que a portuguesa e textos procedentes de simpósios organizados pelo NEPEC são publicados na coleção que já possui dez livros publicados. (Corrêa & Rosendahl, 2005, p.98)

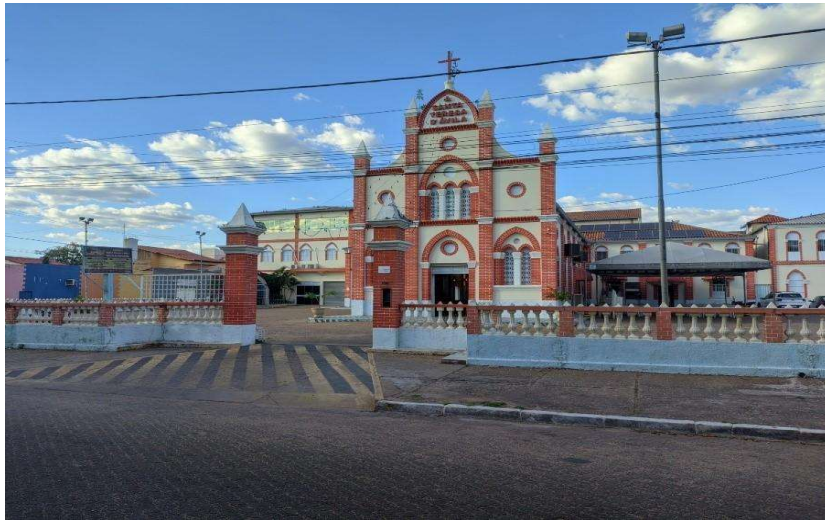
Com isso, os autores afirmam que o Brasil começou a ser visto com maior interesse pela comunidade global no que tange a Geografia Cultural em 2003, por meio da International Geographical Union (IGU), a qual organizou uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura.

2.1 Aspectos Geográficos de Imperatriz e do rio Tocantins

Imperatriz é uma cidade que foi descoberta, construída e edificada por meio do rio. O Frei, ao decidir navegar a montante do rio na busca pelo desconhecido, encontrou o local que ficou conhecido como Colônia Militar de Santa Tereza, uma extensão inicial da província do Pará, que estava em embate com a província do Maranhão por conta do zoneamento dos limites territoriais dos estados e que, com o passar dos tempos, tornou-se cidade do Estado do Maranhão.

Segundo Franklin (2005), o município de Imperatriz foi fundado em 16 de julho de 1852 por uma expedição religiosa liderada pelo jesuíta Frei Manoel Procópio do Coração de Maria. Inicialmente, como povoação, recebeu o nome de Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins. A figura 1, apresenta a atual igreja de Santa Tereza D'ávila, nome dado em sua homenagem quando aqui chegaram.

Figura 1 - Paróquia Santa Tereza d'Ávila



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Conforme o autor, a vila passa a ser mencionada como Imperatriz em 22 de abril de 1924, mediante a Lei nº1.179. No governo Godofredo Viana, a vila foi elevada à categoria de cidade e, devido ao seu isolamento, a cidade de Imperatriz também foi conhecida por muito tempo como a Sibéria maranhense.

Por seu isolamento, Imperatriz também foi conhecida por muito tempo como a Sibéria Maranhense. Distante geograficamente e politicamente de São Luís, a cidade tinha um lento crescimento econômico e populacional, realidade transformada em 1958, com o início das obras de construção da rodovia Belém Brasília. Dessa forma, a partir de 1960, Imperatriz experimentou acelerado surto de desenvolvimento e, já na década de 70, era considerada a cidade mais progressista do país, recebendo contingentes migratórios das mais diversas procedências (Franklin, 2005, p. 32).

O município de Imperatriz - MA está situado na mesorregião Oeste e na microrregião nº 38. A área territorial desse município é de 1.369,039 Km² (IBGE, 2025). A cidade tem limites com os municípios de João Lisboa, Cidelândia, São Francisco do Brejão, Davinópolis, Governador Edison Lobão e faz divisa com o Estado do Tocantins.

2.2 Rio Tocantins e Imperatriz: uma unidade cultural

Segundo Corrêa (2009), a produção dos significados de cultura é ligada a uma construção a partir de uma produção simbólica como: costumes, gestos, rituais, arte,

concepção de paisagem etc., ou seja, toda essa produção simbólica é resultado individual a depender de cada caso em particular, de cada vivência, de cada olhar ao meio natural. Para o autor, a cultura está direcionada a essa produção de significados, que pode ser diferente a depender do meio empregado.

Cosgrover (2003, p.103) enfatiza que “toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”. Os símbolos fazem parte da fundamental relação do ser humano. São pelos símbolos que ocorre uma interação mais concreta, pois eles fazem parte da construção do ser social.

Os símbolos são relativos a partir do meio/espço em que são empregados, podendo cada um determinar um significado, uma intenção, um sentido. Hall (1997) afirma que os símbolos são abertos a interpretações diferentes, baseadas no modo de vida, nas experiências, nos valores, nas crenças, nos mitos etc.

Os primeiros povos, ao se expressarem, faziam pinturas em rochas, em cavernas, em locais que pudessem representar determinado acontecimento — fosse uma caça, sua família, um ritual, uma cultura ou uma forma de viver. Utilizavam desses símbolos para externar sua visão de mundo e os acontecimentos mais importantes em cada etapa de suas vidas. Segundo Carelli (2019), a produção simbólica funciona com um tipo de organização desses primeiros grupos humanos: “as representações rupestres funcionam como elementos simbólicos que estruturam e comunicam significados sobre o território, refletindo a percepção e organização espacial dos grupos humanos” (CARELLI, 2019, p. 64).

Murray Schafer¹, músico e compositor, foi o precursor do termo “*soundscape*”, que, posteriormente, veio a se tornar, na América Latina “paisagem sonora”. Era integrante da Simon Fraser University e, mais tarde, publicou a nível mundial, junto com sua equipe, um projeto relacionado ao estudo da paisagem, intitulado *World Soundscape Project (WSP)*.

Seus estudos foram se aprofundando e, com isso, trouxe para a Geografia, a nível mundial, um acréscimo ao conceito de paisagem, deixando esse termo mais abrangente e com uma maior complexidade e qualidade, abrindo possibilidades para

¹ Nasceu em 18 de julho, na cidade de Sarnia, localizada na província de Ontário no Canadá. Ainda quando criança, iniciou os estudos no piano com sua própria mãe, na adolescência passou a estudar música no Royal Conservatory of Music, na cidade de Toronto. Fonterrada (2004), Schafer não finalizou seus estudos, mas dedicou anos ao estudo teórico de música, à docência, e à composição de músicas.

características além do visual, questionando até mesmo o que era adotado pelos geógrafos.

Schafer (2001) contribuiu, nessa nova fase, para os estudos do termo paisagem sonora dentro da geografia. Para o autor, o termo era muito tradicionalista, engessado ao se falar sobre paisagem, e ele buscou desmitificar esse conceito. O som era uma dimensão muito negligenciada dentro do termo paisagem, a qual, segundo ele, já era carente de certas reflexões na época.

Segundo Schafer (1991), a paisagem sonora é composta por todos os sons de um ambiente, sejam naturais ou artificiais, qualquer que fosse sua natureza, classificando-os em sons naturais e sons não naturais, esse conjunto caracteriza paisagem sonora. Tal classificação é dividida em sons do campo e sons da cidade respectivamente, e, com isso, gerou-se o conceito de diferenciação dos lugares.

Para ele, diferenciar os espaços a partir dos seus sons era de grande importância para a construção de uma característica local, já que os sons presentes numa área urbana eram diferentes de uma área rural. Com isso, podemos relacionar esse conceito de paisagem sonora com as características atreladas à identidade de um povo.

Essa ideia de construção cultural a partir do som é muito presente no Brasil. Podemos observar, de forma detalhada, algumas regiões onde a presença musical, a presença sonora, é mais forte em diversas localidades. Por exemplo: o forró, xaxado, o baião, são sonoridades muito fortes da região Nordeste, integrando a característica local de quem vive ali e impactando diretamente os costumes, a cultura e as músicas que os representam.

Assim como em outras regiões do país, também há ritmos como o Calypso (muito forte na região Norte), além das culturas e costumes gaúchos (como os ritmos do vanerão, rancheira, toadas etc.). Tudo isso está ligado ao som e à construção cultural, pois cada uma das regiões do país possui características muito fortes da cultura sonora e desse olhar musical.

3 METODOLOGIA

A metodologia é uma parte crucial na construção de um trabalho. Segundo Lakatos e Marconi (2017, p. 34), “a metodologia científica é o caminho para se chegar ao conhecimento com segurança e eficiência”. Gil (2010), por sua vez, enfatiza que a metodologia é uma espécie de caminho a ser seguido pelo pesquisador, o qual é chamado de “caminho das pedras”.

Para tal feito, esse trabalho é alicerçado em um roteiro específico e direcionado para que tenha uma lógica assertiva. Em primeira instância, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a temática, a fim de buscar um embasamento mais sólido. Com isso, chegou-se a alguns autores pertinentes no que tange ao assunto, como Schaffer, Rosendal e Roberto Lobato Corrêa.

Realizou-se também o levantamento fotográfico de algumas áreas da região estudada. O objetivo foi tornar visíveis os elementos descritos na canção, especialmente aqueles que se referem ao rio e aos seus arredores. As imagens buscaram evidenciar as características abordadas na música, as quais também são recorrentes nos estudos geográficos, como paisagem, cultura e identidade territorial.

Em seguida, foi analisada a canção interpretada pela pessoa de Erasmo Dibell, a qual aborda aspectos importantes na construção da imagem de grande relevância do rio e para a cidade de Imperatriz. Essa etapa foi essencial, pois foi o momento em que se buscou compreender a canção mencionada. Dessa maneira, houve a necessidade de buscar informações em fontes que tratassem da época em que a cidade estava se desenvolvendo e, com isso, fazer uma análise e correlacioná-la com a canção.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A música é uma forma que artistas usam para se expressar; é composta por letras que retratam determinados acontecimentos, ações e movimentos simbólicos de uma produção cultural. Ao inserir uma melodia nos versos, eles tornam-se música, e a utilizamos em nosso dia a dia, muitas vezes sem sequer percebermos. “Contudo, essa apreciação puramente sensível da música nos conduz à uma conclusão apressada de que a música está simplesmente relacionada à dimensão sonora” (Silva, 2021, p. 25).

O artista Erasmo Dibell, natural de Carolina (MA), é um dos mais populares do estado e um dos principais compositores maranhenses surgidos na primeira metade dos anos 1990. Suas apresentações e gravações são marcadas por ritmos variados, com influências da música brasileira em suas composições. Suas obras tornam-se diferenciadas, pois trazem consigo questões sociais, poesia e o suingue em seu violão. Todos esses elementos se tornam credenciais na sua busca por espaço e reconhecimento. Dentre suas principais obras tem seu primeiro disco solo (Sarará, 1993), sua segunda composição (o Amor é azul, 1995) e, por último, (tudo de bom, 2008).

4.1 Os elementos culturais de Imperatriz contidos na canção Imperador Tocantins

O Rio Tocantins inicia no estado de Goiás, percorrendo cerca de 2.416km, passando por algumas cidades dessas regiões, como Colinas do Sul (GO), Porto Nacional (TO), Palmas (TO), Imperatriz (MA) e Tucuruí (PA), percorrendo, assim, um total de 4 estados brasileiros (Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará), desaguando em sua foz, na baía de Marajó.

A música “Imperador Tocantins” traz, em seus versos iniciais, uma grande evidência sobre a vastidão que o Rio Tocantins representa para o povo Imperatrizense. O rio é um recurso natural de grande importância no desenvolvimento de cidades e população. Isso é bem evidente em muitas origens históricas e geográficas, nas quais a população busca constantemente recursos para sua sobrevivência.

A música é composição de Carlinhos Veloz², lançada em 1992, em formato de vinil, no estilo MPB, com influências de rock, reggae, pop etc. É um álbum com 8 faixas, e dentre elas, está a canção para uso neste trabalho, que pode ser encontrada virtualmente nas plataformas Discogs³ e Youtube. A Figura 2, mostra a letra completa da música.

Figura 2 - Letra Completa da Música Imperador Tocantins (1992)

Do lado daquela cidade
Existe um rio de eternidade
Amores e barças
E barrancas e capins

Tucunaré piau e um matagal que é sem igual
Riacho do cacau a desaguar
No Tocantins

Toca essa água
Toca essa mágoa
Toca e deságua Tocantins

E quando é noite enluarada a água toda
Prateada atrai a meninada para
O Tocantins

E tudo então se faz canção às cordas de um violão
Nas mãos de um poeta lá
No Tocantins

E os nobres filhos da princesa
Frutos da mãe natureza cheios
De beleza
Vão pro Tocantins
A tarde cai e o sol se vai
Oh! Deus do céu abençoi
O imperador de imperatriz
O Tocantins
Tocantins

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

A música inicia evidenciando o quão importante é a presença do rio para o povo imperatrizense e como ele tem resistido com o passar dos anos:

Fragmento 1 – Imperador Tocantins

Do lado daquela cidade existe um rio de eternidade

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

² Nascido em Recife em 03 de dezembro de 1965, já em seu primeiro ano de vida, foi morar em Mato Grosso do Sul e, em 1967, morou no Rio de Janeiro. Em 1985 o Rio Tocantins torna-se marco em sua trajetória, pois é aqui que o compositor e cantor intitula-se Carlinhos Veloz e vence diversos festivais da região tocantina. É neste mesmo rio e na cidade de Imperatriz, que surge a música “Imperador Tocantins”.

³ Plataforma para ouvir o disco completo de forma sequencial, ela terá o link no tópico das referências.

A importância do rio é evidenciada, pois, por meio dele, muitas comunidades e muitos ribeirinhos são beneficiados por esse meio natural. A “eternidade” pode ser associada ao quanto ele tem resistido às ações do homem, que busca apenas os próprios benefícios e, ao mesmo tempo, não procura cuidar do meio ambiente.

Eternidade também pode estar ligada a um conceito de extensão de seu canal fluvial e de seus afluentes, como se não houvesse fim. Em seus versos seguintes, ele confirma essa presença do homem ao falar sobre:

Fragmento 2 – Imperador Tocantins
Amores e barcaças e barrancas e capins
Fonte: Letras.mus.br, 2025.

Esse trecho mostra a relação homem-natureza, destacando os benefícios que o rio traz à sociedade. É também por meio do canal fluvial que são utilizados os meios de transporte, que conduzem pessoas e mercadorias por meio de embarcações.

Esse sentido de transporte, é uma característica do rio desde sua descoberta, período em que era amplamente utilizado para a comunicação com outras províncias sendo essa a única forma de contato disponível. Segundo Oliveira (2008), esse rio enfrentou, em seu início, muitas dificuldades no processo de integração, pois as comunidades indígenas que faziam parte de seu entorno travavam disputas constantes contra os imigrantes pelo território daquela região.

Segundo a autora, o nome “Tocantins” foi atribuído ao rio devido à presença, na região, de uma tribo forte e valente, chamada de índios Tocantins.

O rio também serve como o habitat para os peixes que são comuns na região, e alguns desses locais podem ser chamadas de barrancas, essas, por sua vez, são formadas de diferentes materiais como argila, areia etc., a depender da localidade. Elas contribuem para um local “seguro” da rede marinha, onde os peixes podem fazer a desova em seus períodos reprodutivos.

É por meio do rio que se utiliza também a água para consumo em diversas formas. Essa coleta é feita através de uma rede de canalização que vai do rio até o centro de tratamento e, assim, distribuída para a população e para as grandes fábricas, onde se desenvolvem diversos produtos. Com isso, a cidade torna-se um

grande centro local, crescendo em diversas áreas e facilitando a chegada de pessoas de outras regiões, tornando-se, assim, mais atrativa aos olhos externos.

Outros elementos podem ser observados como característica de análise da canção, apresentando, assim, diversas características da fauna e flora:

Fragmento 3 – Imperador Tocantins

Tucunaré, piau e o matagal que é sem igual, riacho do cacau

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

Nesse trecho, fala-se de uma de grande biodiversidade, característica do meio amazônico, enfatizando a exuberância da natureza do rio Tocantins. Aqui há também uma observância sobre aspectos de uma geografia poética, que evidencia, mais uma vez, a relação do meio antrópico (barcaças, margens que são modificadas) e o meio natural (rio).

Ao se aprofundar na próxima parte da canção:

Fragmento 4 – Imperador Tocantins

“Toca essa água, Toca essa mágoa, toca e deságua Tocantins”

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

Percebe-se aqui uma relação sentimental que o rio proporciona ou proporcionou a quem vive na região. A esfera afetiva e sentimental aqui evidenciada mostra a ligação das águas com as pessoas, que são “curadas”, cujas mágoas são lavadas pelo rio. Sendo assim, o rio funciona como um elemento de alívio e renovo para o espírito, daqueles que por ali passam/passavam.

Além disso, esses mesmos versos, revelam, nas pessoas que dependem desse meio natural, um sentimento de “saúde” por parte dos viventes que puderam acompanhar o processo de mudança do rio, especialmente daqueles que viveram e testemunharam mudanças na paisagem, onde muitos construíram suas casas, suas vidas e sobreviviam da pesca artesanal e de uma relação direta com o rio.

O aspecto terapêutico que o rio cria para essas pessoas flui como lágrimas e dores, conta a história de um povo e transforma o rio em um vínculo de reconexão com a ancestralidade. De acordo com Hall (2006), a construção de uma identidade cultural é tida como uma relação de processos, ou seja, é por meio da linguagem, dos

laços com o território e das memórias. Com isso, toda a análise passa a ter um caráter mais profundo e demonstra que o rio deixa de ser apenas um elemento físico-geográfico e passa a ser um referencial que reflete a própria cultura.

Nos versos seguintes,

Fragmento 5 – Imperador Tocantins

E quando é noite enluarada, a água toda prateada, traz a menina para o Tocantins

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

Esses versos revelam, mais uma vez, essa relação de pertencimento, essa relação de lugar, de paisagem, e de como isso era importante para aquelas pessoas que viviam ali e conseguiam enxergar o Rio Tocantins de maneira mais sentimental.

O caráter poético que o rio inspira nos artistas locais é confirmado nos versos seguintes, que dizem:

Fragmento 6 – Imperador Tocantins

E tudo então se faz canção das cordas de um violão nas mãos de um poeta lá no Tocantins

Fonte: Letras.mus.br, 2025.

Isso, por si só, já se caracteriza, então, um papel de importância tanto social para os ribeirinhos quanto para a comunidade imperatrizense e para aqueles que vivem da cultura, que vivem de algo muito mais valioso, mais poético.

O artista coloca o rio como um lar, um berço poético — um local que se torna palco para aqueles que são agraciados por nascerem e criarem suas canções dentro da majestosa cidade, onde o rio é um rei e a cidade se torna a imperatriz: aquela que agracia os cidadãos com lindas histórias sobre si. Com isso, a característica musical que a canção carrega tem relação direta com a geografia (ícones, barcos, barrancas, fauna, flora etc) e com o cotidiano da comunidade (festividades, lugar, paisagem, poesia, cultura etc).

Assim, a canção do imperador Tocantins não é só uma homenagem ao rio. É algo muito maior e de grande valia para a comunidade, tanto acadêmica quanto geral, pois resgata a memória de identidade, cultura, pertencimento. Todos esses são conceitos importantes para a Geografia, no que tange à discussão sobre paisagem. E tudo isso mostra como a música tem potencial para funcionar como objeto de análise

no campo geográfico, dentro de uma cultura/sociedade, onde relatos tão simples, presentes numa música, podem trazer para os dias atuais um debate profundo e atemporal.

4.2 Pesquisa de campo

Conforme vimos na produção e sistematização deste documento, perceber a paisagem por meio de sons é uma tarefa que exige uma sensibilidade por parte do geógrafo, para que ele possa vislumbrar características presentes tanto no meio natural quanto no cultural. Nesta seção, serão apresentados os principais resultados obtidos na canção *Imperador Tocantins* e como ela funciona como um espelho de análise simbólica para a cidade de Imperatriz, evidenciando características reais presentes na música.

Inicialmente, esse tópico visa apresentar a análise de uma paisagem do rio Tocantins e de seus limítrofes, a partir do uso de fotografias autorais e da música *Imperador Tocantins*, autoria de Carlinhos veloz, e, neste trabalho, na versão interpretada por Erasmo Dibell. As Imagens foram registradas na beira do rio, porto da balsa, riacho do cacau, ponte Dom Afonso Felipe Gregory e arredores.

O rio apresentado aparece como um ponto central, não apenas pela sua função natural, mas também como um elemento simbólico e sentimental para a população. A música, nesse contexto, reforça esse vínculo por meio da narrativa poética, que destaca o Tocantins como parte da identidade cultural e emocional de Imperatriz. Na figura 3, podemos observar registros desse elemento natural — o rio e sua exuberância — evidenciando-o como parte importante do início e fundação das primeiras expedições que culminaram no desenvolvimento da cidade. “O rio Tocantins foi o caminho pelo qual os colonizadores conseguiram alcançar e tomar posse das terras do cerrado e da pré-Amazônia, regiões conhecidas somente um século depois da chegada de Cabral”(Franklin, p.19, 2005).

Figura 3 - Vista do Rio Tocantins, a partir da Ponte Dom Afonso



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Nas figuras 4 e 5 estão representados os espaços naturais proporcionados pelo rio, que se relacionam diretamente com a canção ao citar os pontos de margens naturais do rio e de vegetação comuns nessa região (barrancas e capins), além dos meios de locomoção tradicionais, como barcos e barcaças.

Figura 4 - Margens do Rio e Arredores



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Figura 5 - Margem do Rio, 2025



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Esses pontos reforçam o que Murray Schafer (2001) define como paisagem sonora e identidade acústica do lugar, pois escutar o ambiente é, também, compreender os vínculos culturais e históricos de um lugar. “A paisagem sonora de qualquer lugar do mundo é uma composição única” (Schafer, 2001, p. 11).

As descrições seguintes reforçam a importância ecológica da região, assim como em trechos da canção que mencionam sobre peixes (tucunaré, piauí) e da flora (matagal) em seus arredores. Aa figura 6 mostra um pequeno curso d'água, um afluente natural representando uma parte da cadeia hidrográfica.

Como um rio situado junto a você na floresta, cuja água ‘flui’ para além da imediatez perceptiva, apesar de você saber que ela está se movendo para outros lugares, o som deve ter uma presença física no seu momento de performance e um poder de permanência que o carregue para além do momento, a fim de que ele flua em sua mente e permaneça com você para além das fronteiras do evento imediato. A performance, tal como a substância do som, deve ser densa, em camadas, coletiva, espessa em conotação e ressonância; isso é o que faz com que ela ‘flua’ (Feld, 2015, p. 186).

Figura 6 - Riacho do Cacau, 2025



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Nas figuras 7 e 8, são compostas pelo cair da tarde e pelo pôr do sol no setor à Beira do Rio, o que expressa uma espiritualidade e poesia. O rio Tocantins, ao ser referenciado na canção como “Imperador”, é elevado à condição de entidade protetora, como confirma o verso: “a tarde cai e o sol se vai, ó Deus do céu abençoi”.

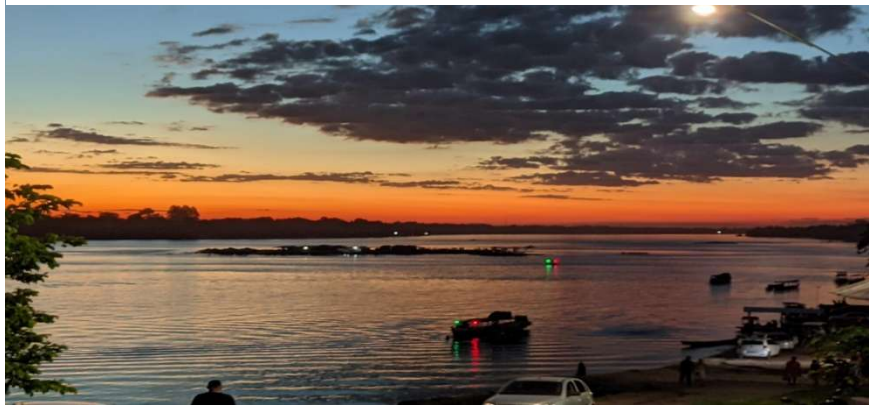
Nesse sentido, podemos entender que o som a paisagem, como já citado anteriormente, não se resumem a ruídos, mas, às vezes, ao silêncio; trata-se de contemplar coisas agradáveis, belas, e também aspectos não tão agradáveis. A paisagem sonora, é nosso ambiente sonoro, o sempre presente conjunto de sons, agradáveis e desagradáveis, fortes e fracos, ouvidos ou ignorados, com os quais vivemos (Fonterrada, 2011).

Figura 7 - Pôr do sol/Cair da tarde, Beira Rio



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Figura 8 - Pôr do sol/Cair da tarde, Beira Rio



Fonte: Pesquisa de Campo, 2025.

Conforme destaca Castrogiovanni (2023), “no caso do Espaço Geográfico, as imagens que retratam as paisagens parecem nos embriagar, pois elas despertam emoções, sentimentos, fascinação”. Assim, este trabalho reafirma que compreender a geografia por meio da arte e da cultura permite revelar dimensões subjetivas do território e contribui para uma leitura mais sensível e significativa do mundo que nos cerca.

5 CONCLUSÃO

A Canção “Imperador Tocantins” destaca diversas características ecológicas e naturais para a pesquisa do espaço geográfico por meio do som. A partir deste trabalho, foi possível compreender que estudar a letra dessa música é, também, mergulhar na nossa própria identidade local. Esses recursos naturais não apenas embelezam o cenário, como também contribuem para a construção simbólica da cidade de Imperatriz e sua identidade ribeirinha.

Com isso, observa-se que o trabalho confirma que a paisagem sonora pode ser também um viés de valorização e interpretação da cultura popular, fomentando, assim, a necessidade de um olhar mais atento para as questões musicais e culturais.

Nesse sentido, o trabalho apresentado é uma iniciativa própria, com o intuito de desencadear um estímulo para o estudo da música dentro da Geografia. Não é um trabalho fácil, rápido ou prático; ele demanda tempo, esforço e persistência, mas, a partir disso, busca-se, de alguma forma, mostrar sua relevância para a comunidade acadêmica, evidenciando que o campo de estudo sempre é vasto e que sempre há novas formas de visualizar o mundo/espaço geográfico ao redor.

Pensar a geografia por meio da ótica sonora pode trazer uma forma singular de observar o espaço. A cultura, em seu aspecto sonoro, nos auxilia a perceber e compreender o espaço geográfico construído pela interação entre o ser humano e a natureza. A cultura sonora é uma expressão criativa que comunica a geografia de um lugar e suas interações.

O trabalho fica à total disposição de futuras pesquisas no meio acadêmico, para que possam ampliar ainda mais o leque de possibilidades e de autores, pois, sendo uma área complexa e de vastos recursos, tudo pode ser ainda mais desenvolvido e aperfeiçoado.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Luana. **Carlinhos Veloz: Uma história de amor e inspiração com o Rio Tocantins**. *Blog Nossa Gente*, Prefeitura Municipal de Imperatriz, Imperatriz, 20 jul. 2017. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/carlinhos-veloz.html>. Acesso em: 18 jul. 2025
- CANADIAN LEAGUE OF COMPOSERS. **R. Murray Schafer**: in memoriam. 18 ago. 2021. Disponível em: <https://www.composition.org/news/r-murray-schafer-in-memorial/>. Acesso em: 19 jul. 2025.
- CARELLI, Rafael Bassi. Representações rupestres e território: notas de geografia cultural. **Revista Geografia**, Londrina, v. 28, n. 1, p. 63–76, 2019.
- CARLINHOS VELOZ. **Carlinhos Veloz** [disco compacto ou CD]. [S.l.]: [s.n.], 1992? Disponível em: https://www.discogs.com/pt_BR/release/6562788-Carlinhos-Veloz-Carlinhos-Veloz. Acesso em: 18 jul. 2025.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. **Paisagem**: importância na leitura das espacialidades, fazendo e acontecendo no ensinar e aprender geografia. 2023.
- CORRÊA, Jhonatan Silva. Geografia Cultural: uma breve história. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 6, n. 1, p. 9-23, 2020.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 02, p. 97-102, 2005.
- CORRÊA, Roberto Lobato; SAUER, Carl. Sobre a geografia cultural. **Revista Brasileira de Geografia**, p. 113-22, 2009.
- DIBELL, Erasmo. **Biografia**. Letras, [s.d.]. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/erasmo-dibell/biografia>. Acesso em: 16 jul. 2025.
- FELD, Steven. Estrutura sonora como estrutura social. *Sociedade e Cultura*. Trad. Daniel Camparo Avila. **Simpósio sobre sociomusicologia comparativa**. Goiânia, v.18, n.1, p.177-194, Jan./Jun. 2015.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **Música e meio ambiente**: ecologia sonora. Irmãos Vitale, 2004
- FRANKLIN, Adalberto. **Breve história de Imperatriz**. Ética, 2005.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HOEFLE, S.W. Cultura na História do Pensamento Científico. **Revista da Pós-Graduação em Geografia**, UFRJ, no 2, pp. 629, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades:** Imperatriz (MA) – Panorama. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/imperatriz/panorama>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

OLIVEIRA, Maria de Fátima. Rio Tocantins: lugar de memórias e identidades. **Revista Mosaico**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 13–24, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufg.br/mosaico/article/view/7226>. Acesso em: 26 jun. 2025.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia da música: um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro. N. 50 (2021), p. 13-27, 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 61.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela ecologia dos sons**. Tradução: Marisa Trench de A. Fonterrada. São Paulo: UNESP, 2001.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela ecologia dos sons**. 2. ed. Tradução: Marisa Trench de A. Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SILVA, Gustavo Henrique de Abreu. **A paisagem musical rondoniense: poéticas de uma urbanidade beradada**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. 188 f. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia.